

POR QUE EU PRECISO TANTO IR AO BRASIL*

Hans Ulrich Gumbrecht

Quando eu vi os colegas da UFRJ que foram ao Galeão no início da manhã da segunda-feira, 20 de agosto, eu percebi que nós não nos conhecíamos, o que é incomum entre as minhas muitas idas ao Rio, onde tenho ensinado e dado conferências, desde 1977 quase todos os anos e em diversas instituições acadêmicas. Normalmente, nos meus primeiros encontros no Brasil, sou recebido com o *abraço* de um amigo – mas às vezes meus amigos não podem me encontrar no aeroporto, porque estão ocupados e sabem que eu, de algum modo, me localizo no Rio. Nossa conversa não foi nada mal naquele dia 20 de agosto, uma sequência comum de alusões gerais e vagas sobre determinadas questões políticas, onde todos, antes de tudo, tentavam evitar a irritação própria ao tema – por outro lado, embora nunca tivéssemos nos encontrado, à medida que conversávamos, passamos de uma conversa precária e tensa a uma confortável e verdadeiramente relaxante.

Minha primeira conferência era já na tarde do dia de chegada. Dado que as universidades brasileiras estavam em greve (como frequentemente), um número razoavelmente grande de pessoas apareceram para ouvir o que eu tinha a dizer sobre a década que se seguia a 1945, e sobre minhas observações, dentro desse período, a respeito de uma mudança na construção coletiva do tempo e no que nós continuamos a chamar de “história” até os dias de hoje. Mas a conversa não parecia despertar a atenção, a discussão seguinte permaneceu apenas cortês. O que me lembro e mais gostei naquela noite de início de primavera, foi o grande pátio do bonito e ligeiramente decadente edifício no centro histórico do Rio, onde está localizado o Departamento de Filosofia da UFRJ. Eu apreciei estar rodeado por suas altas paredes – como se uma inspiração pudesse se abater. Mas nenhuma inspiração veio no primeiro dia.

O dia seguinte foi de escrita em meu quarto de hotel feio e ruidoso, com sua visão trivial para os fundos e nada de extraordinário veio naquelas quatorze horas de trabalho. Eu terminei o que precisava terminar e me senti solitário. Uma conferência e um diálogo brandos, mas perfeitamente aceitáveis, esperavam por mim no dia seguinte, quarta-feira. “Mas qual foi o objetivo de viajar milhares de milhas?”, eu pensava

* Texto original em inglês, intitulado – “Why I so need to go to Brazil”. Traduzido por Marcelo de Mello Rangel e Thamara de Oliveira Rodrigues.

enquanto esperava pela minha colega, novamente, em frente ao hotel para me pegar com o seu carro. Ela não chegou no momento em que pensei que tivéssemos combinado; poderia ser que ela também tivesse dúvidas sobre o quão significativo e útil tudo isso poderia ser, eu pensava enquanto olhava para cada carro que passava tentando encontrar um rosto familiar. Antes de minha segunda conferência, no terceiro dia de minha estadia - eu deveria dar um seminário em seu curso sobre Heidegger e “A Origem da Obra de Arte”, um texto que eu acreditava conhecer bem. Eu não deveria fazer nada de especial, eles estavam apenas tentando tirar o máximo proveito da minha presença, meus colegas me disseram (e eu sempre me sinto lisonjeado com palavras como essas). Estávamos em menos de 10 pessoas numa pequena sala em algum lugar no final de uma escada estreita, sentados ao redor de uma mesa, e a partir do momento no qual eu comecei a falar senti uma expressiva resistência intelectual no ar.

O que eu sempre gostei muito sobre esse ensaio é a sua descrição do antigo templo grego que, como um catalisador, faz com que você veja o céu de um modo nunca antes visto, com que ouça as ondas do oceano como nunca ouviu antes, com que sinta a terra sob os seus pés como nunca sentiu antes. Isso, eu insisto, era um dos modos e das cenas do que Heidegger poderia ter desejado expressar através da frase “desencobrimento do Ser” (“unconcealment of Being”). Todos ao redor da mesa ouviram respeitosamente e ninguém parecia estar impressionado com o que eu acabara de dizer. Alguém perguntou se a “Origem” seria um ensaio mais distanciado de “Ser e Tempo” do que eu tinha dito – e, acima de tudo, se não era sobre o “mundo” e sobre a “terra” *juntos* como “desencobrimento do Ser” (“unconcealment of Being”), e não sobre uma totalidade notável de dimensões, que não necessariamente estão juntas apenas por terem sido visualizadas como um conjunto. Eu nunca tinha pensado sobre a possibilidade dessa totalidade e menos ainda sobre esta totalidade enquanto “*Ser*” “*Sein*”, eu fiquei seduzido quando alguém então descreveu conceitualmente e em detalhes intrigantes e vigorosos o impacto no interior da Catedral de Chartres – que retivera um pouco de sua força original ao longo dos mais de oitocentos anos de existência (embora não tenha sido construída por pessoas como nós e para o nosso “mundo” do início do nosso século XXI).

De repente, foi isso que eu ouvi e aprendi, e quando, uma hora mais tarde, nós descemos aquela escada estreita novamente, eu tinha descoberto uma dimensão completamente nova do texto de Heidegger e, talvez, até mesmo de sua filosofia em

geral. Mas eu não quero escrever sobre o conteúdo de minha descoberta aqui, este não é um tratado filosófico nem mesmo em sua forma mais diminuta. Tudo o que eu quero dizer é que, naquela noite, quando eu estava tomando outro café ainda no profundo e belo pátio, estava tão claro para mim, novamente, por que é que eu sempre tenho de voltar ao Brasil. Esta intensidade dos momentos intelectualmente decisivos quando eu menos espero por eles, acontece comigo sempre que estou lá, e eu não mereço isso, eu apenas posso deixar que isto aconteça.